



Mata doce, de Luciany Aparecida

Mata doce, by Luciany Aparecida

Mata doce, de Luciany Aparecida

Rafaella Cristina Alves Teotônio*

Em Mata Doce, matar boi era tradição de homem.

Luciany Aparecida

Tradição. Até que ponto esta palavra, que remete a transmissão de saberes, transferência, linhagem, pode contribuir para pensar um significado em torno das culturas afro-indígenas do Brasil? Em um país que passou por um processo de apagamento das culturas africanas e indígenas em seu território, através da violência física e epistêmica, a literatura transforma-se em um processo de encontro acerca das tradições dos povos que sofreram e ainda sofrem com a colonialidade. No primeiro romance da escritora Luciany Aparecida, a linhagem apresenta-se não como uma história de heranças masculinas de sangue e poder, mas como um fio que une uma família de mulheres marcadas pela violência, mas também pela resistência. É sobre uma tradição de luta que a narrativa de *Mata Doce* (2023) fala.

Em *Mata Doce*, a partir da figura de Gerônimo Amâncio, o coronel, tem-se a linhagem que representa a herança da colonização. Entretanto, é pelas personagens mulheres, herdeiras de uma tradição de resistência, que é possível entender a narrativa como uma reescrita da história de luta de povos afrodescendentes e indígenas nos recônditos do país. Maria Teresa, também conhecida como Filinha Mata-boi, é uma órfã adotada por duas mães, a professora Mariinha e a travesti bordadeira Tuninha. A figura ancestral de Eustáquia da Vazante, fundadora da comunidade de Mata Doce e avó de Mariinha, revela uma linhagem de cuidado que reverbera no encontro das mães adotivas com a filha órfã, encontrada na mata. Nesse lugar rural tão parecido com diversos cenários rurais do país, a imagem de um casarão emerge agora como símbolo de resistência e não mais como ícone arquitetônico da colonização. Assemelhando-se a um quilombo, enquanto um lugar de resistência cultural negra, na esteira do pensamento de Beatriz Nascimento (2021), é nesse casarão que essas mulheres vivem e lutam, transformando o cenário em um espaço de acolhimento, beleza e resiliência. Nessa casa rodeada por um imenso roseiral, as “mulheres do lajedo” vivem e contam suas histórias que se entrelaçam a outras histórias de famílias marcadas por tradições de luta e dor, mas também pela alegria, a partir das figuras de Mané da Gaita, o músico vendedor de quebra-queixo e da cadela centenária, Chula.

Nesse sentido, o título do romance, *Mata Doce*, em sua multiplicidade de significados, traz a sensação de força, violência, imbrincada à ideia de doçura. Para além disso, a mata também representa a natureza, que transmuta tanto o mistério, a força que vem de saberes ancestrais que ligam essas mulheres, como também a questão agrária já conhecida no Brasil. Uma ferida que aproxima os povos afrodescendentes e indígenas em torno das disputas de terra com as grandes oligarquias do país. *Mata Doce*, na verdade, é o lugar em que uma família de mulheres procura resistir aos desmandos do coronel Gerônimo Amâncio.

Na narrativa de Luciany Aparecida (2023), a memória tem uma função purificadora, surge como modo de tornar visível a dor, lembrar a dor como modo de curá-la. É na transformação da personagem Maria Teresa, marcada pela morte do seu noivo Zezito, em pleno dia do seu casamento, que se tem a mudança da narrativa da terceira para a primeira pessoa. Maria Teresa, personagem que se conhece a princípio como Filinha Mata-boi, começa a escrever sua história na

* Universidade de Pernambuco (UPE), Nazaré da Mata, Pernambuco, Brasil. orcid.org/0000-0001-5587-4256. E-mail: rafaella.cristina@upe.br.

antiga máquina de escrever dada pelo noivo antes de se tornar, na busca por matar o seu sofrimento, a única mulher matadora de bois da região. Nesta máquina de escrever, Filinha Mata-boi, já cansada da sua profissão, encontra uma forma de reencontrar Maria Teresa, a mulher que fora, antes do assassinato do seu noivo Zezito pelo coronel Gerônimo Amâncio.

A partir das memórias de Filinha, a matadora de bois, a narrativa de Mata Doce traça os mapas que ligam as disputas de terras entre os Sales e a família do coronel Gerônimo Amâncio que culminam na morte de Zezito. Essas memórias refazem as linhas de uma trama complexa entre heranças de poder colonial e as dores de personagens que se encontram nas tessituras de uma narrativa que distende o passado e o presente, em um modo de contar não linear, espiralado, como no conceito de Leda Maria Martins (2021). Espiralado também diz respeito ao fio que conecta essa história, a narrativa de uma personagem dupla, Maria Teresa/Filinha Mata-boi que em sua *escrevivência* vai compreendendo os segredos em torno da sua própria vida, o motivo do assassinato do noivo Zezito, o mistério em torno da sua origem, a história não-contada sobre sua madrinha Lai e os meandros da morte que no tempo envolto entre passado e presente leva suas mães.

Nesse sentido, talvez seja possível ligar a dupla identidade da personagem à estratégia de assinatura da autora Luciany Aparecida que, escrevendo agora com o próprio nome, assinou as suas obras *Cartas de Bogotá* (2013), *Contos ordinários de melancolia* (2017), *Autoretrato* (2018) e a novela *Florim* (2020) como Ruth Ducasso. Em *Mata doce*, assim como em *Macala* (2022), conjunto de poemas compostos a partir da fotografia de Marc Ferrez (Mulher negra na Bahia, 1885), Aparecida assume um projeto estético-político em sua escrita que culmina em “narrar vidas fora de mim” (Marques, 2023) ou, no dizer de sua personagem Maria Teresa “para ver brotar gente no meu corpo” (Aparecida, 2023, p. 131). Em suas múltiplas assinaturas, a autora encontra um modo de fazer existir personagens apagados pela história.

Nesse movimento duplo, a escrita, enquanto uma performance, reencena o tempo, mostrando o trânsito da memória, compreendendo a narrativa ainda na concepção de tempo espiralar de Leda Maria Martins (2021). Nesse sentido, tanto a escrita de Luciany Aparecida, quanto a escrita encenada pela sua personagem Maria Tereza/Filinha Mata-boi, reescrevem a memória de gerações, um tempo ancestral que, assim como na narrativa de *Mata Doce*, passa-se entre passado e presente. Essa ancestralidade está marcada na escrita assim como no corpo, como reflete a construção da personagem principal, um corpo-documento que reinventa existências antes apagadas pela história de violência patriarcal e colonial do país.

É por isso que Mata Doce mostra-se como uma narrativa dupla de escrita ao mesmo tempo coletiva e individual, entre a terceira e a primeira pessoa, transitando entre diversos gêneros como a carta e a intertextualidade com outras obras, como *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, primeiro romance escrito por uma mulher negra no Brasil. É a partir deste livro, inclusive, que a personagem Maria Teresa assume a escrita da sua própria história, influenciada tanto por Maria Firmina dos Reis, quanto pelo intelectual Manuel Querino, apresentado na trama como um personagem, para além da sua importância histórica enquanto intelectual negro na realidade fora do livro. Nesse sentido, a escrita de Luciany Aparecida parece se apoiar em uma tradição de autores negros brasileiros que buscam mesclar referências tanto da literatura canônica e ocidental, quanto de uma tradição oral não-ocidental. Remetendo ao romance tradicional, trazendo ares de romance histórico, mas também de romance de costumes, aos moldes de novela, com uma multiplicidade de personagens que se entrelaçam a partir das histórias, *Mata Doce* é um romance longo e cheio de personagens. Nas 295 páginas, a autora debruça-se no desenrolar das vidas dos vários núcleos que compõem o enredo do romance, tornando, muitas vezes, a leitura um tanto confusa, como um novelo de fios que necessita ser desenrolado. Entretanto, é na figura da narradora, a partir do segundo capítulo, que é possível encontrar também nessa trama os ecos de uma ancestralidade, uma tradição não-ocidental. Maria Teresa/Filinha Mata-boi torna-se a *griot*, a contadora de histórias daquela comunidade, uma velha de quase cem anos que representa a memória ancestral de Mata Doce, capaz de desatar os nós deixados ao longo da leitura.

Memória, história, literatura e vida misturam-se, portanto, nos diversos meandros da narrativa para criar uma espécie de contra arquivo. Um contra arquivo que fala contra os arquivos hegemônicos da herança patriarcal-colonial, colocando *Mata Doce* na esteira de outros romances

fundamentais para pensar a colonialidade, como *Torto Arado* (2019), de Itamar Vieira Júnior, *Ponciá Vicêncio* (2003), de Conceição Evaristo, e *Um defeito de cor* (2006), de Ana Maria Gonçalves. Nesse universo de uma família de mulheres negras, os personagens da outra linhagem, a patriarcal e colonial, vão tombando tragicamente, como a figura do coronel Gerônimo Amâncio, que depois de assombrado pela imagem de Filinha, com seu vestido de noiva cheio de sangue, empunhando uma faca, vai aos poucos sendo corroído por dentro por conta de sua própria violência. Logo, o tempo também vai cumprindo o seu destino e na memória espiralar de Maria Teresa, seus eus se misturam aos corpos das mães que vão morrendo. Em frente ao espelho e na máquina de escrever, a personagem principal de *Mata Doce* vai entendendo suas perdas, lutos e afetos. No seu desamparo, a memória desse casarão vai sobrevivendo até que reste apenas uma fotografia. Nela, a figura de uma família de mulheres resiste em meio ao roseiral.

Referências

APARECIDA, Luciany (2023). *Mata doce*. Alfaguara: Rio de Janeiro.

MARQUES, Luciana Araújo (2023). Narrar vidas fora de mim. *Quatro cinco um*. 23 out.

MARTINS, Leda Maria (2021). *Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó.